

A CONSTRUÇÃO DE UM BARALHO BIOGEOGRÁFICO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA NO IFBA CAMPUS SALVADOR

Ricardo Vagner de Jesus Tosta[1]
Ivan de Matos e Silva Junior[2]

Palavras-chave: Jogos geográficos; Biogeografia; Domínios Morfoclimáticos.

INTRODUÇÃO

A formação docente em qualquer campo disciplinar envolve diferentes aspectos, que variam desde os conteúdos da Educação de forma ampla até os atravessamentos de ordem epistemológica e metodológica da área do conhecimento. A formação docente em Geografia não seria diferente, uma vez que integra condição obrigatória e necessária para atuar na Educação Básica, levando em conta tantos os aspectos mais amplos da Educação até os conhecimentos específicos da Geografia em diálogo permanente com a dimensão didático-pedagógica desses mesmos conhecimentos. Dentro desse contexto, o presente trabalho deriva de uma pesquisa em andamento que visa enfatizar o processo de construção de um jogo geográfico mobilizado por conhecimentos no âmbito dos componentes físico-naturais, especialmente da Biogeografia dedicado ao uso no ensino de Geografia. Diante desse contexto, a presente investigação compreende que:

> A iniciação na produção de jogos didáticos em cursos de Licenciatura em Geografia configura-se como uma oportunidade única e diversa de ampliação de

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia, IFBA - Campus Salvador, Bolsista PIBITI.
[2] Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA/UEFS, Docente do Departamento Acadêmico de Geografia do IFBA, Campus Salvador. Orientador de PIBITI

> repertório do futuro(a) docente que atuará na Educação Básica. Na biogeografia, componente que integra o currículo de Cursos de Licenciatura em Geografia, essa compreensão ganha força em um momento em que há uma lacuna de estudos que assinalem o desenvolvimento de jogos enquanto recursos didáticos que versem sobre temáticas biogeográficas no contexto da formação inicial docente. Nesse contexto, a biogeografia tem a oportunidade de contribuir para uma iniciação em jogos engajada com uma formação acadêmica envolvida na proposição de soluções didático-pedagógicas, tendo em vista o pouco envolvimento discente com os estudos da Natureza na Geografia (Silva Junior, 2024, p.01).

Assim, o presente trabalho busca através da criação de um baralho biogeográfico a partir da temática físico-natural dos domínios morfoclimáticos brasileiros, discorrer sobre a importância dos jogos na formação inicial de professores e professoras de Geografia. Tal investigação vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI), financiada pelo IFBA - Campus Salvador, iniciada em novembro de 2024 com término previsto para o mês de setembro do ano corrente. A pesquisa integra a linha de Educação e Ensino de Geografia do Grupo de Pesquisa Geopraxis - A Prática do Ensino e da Pesquisa em Geografia, no contexto do Grupo de Estudo Labiogeografar - Educação em Biogeografia(s), De(s)colonialidade(s) e Ecologia(s) Política(s).

O jogo vem sendo concebido como recurso didático a ser adotado no Ensino Fundamental II, especialmente em turmas do 7º ano, com indicativo de criação de dois manuais de uso e apoio didático-pedagógico, um para os/as estudantes e o outro de uso exclusivo do/a docente. A escolha do público-alvo do jogo foi pautada na consulta e análise da Base Nacional Comum Curricular, onde foi identificado uma maior capilarização de conteúdos com componentes físico-naturais da Geografia Escolar, especificamente no 7º ano a partir da unidade temática "Natureza, ambientes e qualidade de vida" aparecendo por todo Ensino Fundamental (Brasil, 2018). Isto posto, a temática "domínios morfoclimáticos brasileiros" foi escolhida por ter um acervo mais amplo, a partir do objeto de conhecimento "biodiversidade brasileira", constituída por duas habilidades, na qual uma se direciona ao jogo de cartas: A habilidade EF07GE11 pauta sobre "Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional [...]"(Brasil, 2018).

O presente trabalho é balizado pelo levantamento teórico de autorias acadêmicas voltadas à discussão e ao desenvolvimento de jogos no ensino de Geografia, especialmente com temáticas físico-naturais, para assim, estabelecer um referencial científico que direcione a confecção do baralho biogeográfico. Desse modo, o primeiro momento envolveu a leitura, análise e discussão de obras bibliográficas previamente sinalizadas pelo projeto de pesquisa, alicerçando o baralho, *a priori*, a partir dos/as autores/as Breda (2018), Rego & Costella (2019) e Sobrinho *et al*. (2023). Logo após, a segunda etapa se caracteriza pela confecção analógica do baralho, orientado por toda expertise acadêmica e empírica dos autores supracitados, cabendo salientar que esta etapa ainda será concluída em meados de 2025. Entretanto, os resultados obtidos pelas reuniões com a orientação do docente responsável, através das simulações de partidas do baralho, por meio de protótipos desenvolvidos - têm sido proveitosos e dinâmicos, evidenciando um horizonte otimista para o produto da pesquisa.

O trabalho está pautado na dialogicidade entre leituras, análises e discussões em reuniões com o professor orientador sobre autores que dialogam com a Geografia Escolar - Thiara Breda (2018; Rego & Costella (2019) e Sobrinho *et al.* (2019). Além da leitura e aplicação da normativa Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), para a indicação

do conteúdo apropriado para a temática do jogo, escolhendo assim, o tema "Domínios Morfoclimáticos do Brasil" por conta de sua capacidade de correlacionar assuntos biogeográficos (como fauna e flora), com relevo, clima e relações antrópicas evidenciadas por Ab'Sáber (2007), geógrafo que propôs tal conceito dentro de uma perspectiva da paisagem como herança.

Além da apropriação teórica, o presente trabalho fundamenta-se, sobretudo, com as experimentações com outros jogos didáticos e o protótipo em desenvolvimento, a fim de explorar a jogabilidade, com o intuito de identificar possibilidades de atualização do presente jogo, relacionados ao design e quanto à experiência do jogo, com indicativo de ser construído com materiais de baixo custo, com o uso de materiais reutilizáveis e recicláveis, almejando produzir ou adaptar uma versão inclusiva a alunos com deficiência.

A próxima etapa se debruçará sobre o aprofundamento teórico envolvendo a articulação entre o ensino de Geografia e os domínios morfoclimáticos. Logo, as próximas fases do projeto adaptarão a dinâmica do protótipo já existente ao novo recorte temático, visto que vem ocorrendo diferentes momentos de experimentações realizadas nas reuniões com o professor orientador, por meio de outros jogos de cartas, a fim de aperfeiçoar o baralho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Thiara Breda tem sido a principal referência que vem orientando teoricamente o trabalho, por meio do livro "Jogos geográficos na sala de aula" (2018), inspirando todo o processo de concepção e criação do baralho biogeográfico, através de seu arcabouço teórico-prático referente a utilização de jogos geográficos dentro do ensino de Geografia. A partir das contribuições de Castellar (2011), Breda explicita que "jogos geográficos" são jogos pedagógicos, uma vez que, apresenta intencionalidade pedagógica direcionada ao ensino da Geografia no que toca às habilidades e conteúdos mobilizados. Além disso, a obra estabelece diálogos que articulam elementos didáticos mais voltados aos saberes geográficos a partir de diversos autores, tais como Soares (2009), Almeida (2011) e Callai (2005), bem como referênciass no campo da psicologia a partir de Jean Piaget *e* Inhelder (1993).

A priori, o conceito de "jogo" é concebido neste estudo como uma atividade dotada de regras e sentimentos que são exercidas em determinado espaço e tempo (Huizinga, 2008 *apud* BREDA, 2018). Cabe acrescentar a este conceito o entendimento de Chateau (1987 *apud* BREDA, 2018), descrevendo o jogo como uma atividade que possui regras rígidas capazes de propiciar prazer sensorial do mesmo modo que distancia o sujeito do mundo real.

Dessa forma, a construção do baralho tem proporcionado várias reflexões sobre a utilização de jogos geográficos na sala contribuindo para a ampliação de repertório no que tange ao protagonismo na criação desses recursos didáticos, no intuito de instrumentalizar docentes para a criação de jogos com táticas mais lúdicas, sem perder a riqueza dos conteúdos geográficos, estimulando o processo de mais envolvimento/participação dos/as discentes durante as aulas de Geografia. Tal uso de jogos em sala de aula é explicitado por Breda (2018) como uma tradição do ensino da Geografia em diferentes países há séculos, como EUA e Inglaterra, porém ainda é recente no Brasil, sendo potencializados quando trabalhados no espaço vivido do aluno (aspecto que será de suma importância para o baralho, pois o baralho biogeográfico debruça-se sobre elementos espaciais imbuídos na espacialidade brasileira através da temática dos domínios morfoclimáticos brasileiros).

As normativas da nova Base Nacional Comum Curricular, vigente a partir de 2018, foi imprescindível para a definição temática do baralho a partir das habilidades obrigatórias ratificadas no documento. Dentro da nova BNCC, observa-se uma grande articulação que perpassa fatores de caráter natural e social no Ensino Fundamental dentro da própria Geografia Escolar. Além disso, houve as necessárias contribuições de Morais (2023) e Rego et Costella (2019) para a fundamentação teórico-conceitual do jogo "Baralho Biogeográfico" de modo mais específico no panorama da abordagem de recursos didáticos no ensino dos componentes físico-naturais do ensino da Geografia. Rego e Costella (2019), afirmam que a Geografia Escolar deve proporcionar um processo crítico e analista sobre a realidade espacial (autodenominando esse processo como "estranhamento"), algo que foi primordial para a fundamentação crítica na concepção do Baralho Biogeográfico. Para somar o arcabouço teórico destes primeiros meses, Morais (2023) reitera que não é proveitoso análises dos componentes físico-naturais por si só nas aulas de Geografia, eliminando assim a sua interação com o social/cultural.

Outrossim, é mister afirmar que o uso de jogos dentro de um contexto de ensino formal permite que o/a educando/a aprenda de maneira significativa e prazerosa, despertando a curiosidade e o desejo de aprender através da ludicidade posta no jogo em si (Breda, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica do jogo tem se mostrado interessante para o estímulo e articulação do conteúdo biogeográfico explorado na Geografia Escolar, com enfoque nas competências e habilidades do 7º ano. O baralho está sendo desenvolvido para dialogar fauna e flora com o relevo, solo, clima e aspectos socioculturais, promovendo um aprendizado que interconecte diferentes elementos espaciais para que o/a discente aprenda e observe a complexidade e a indissociabilidade de agentes que cocriam as diferentes variáveis que dinamizam o Domínio Amazônico, Domínio dos Mares de Morros, Domínio do Cerrado, Domínio da Caatinga, Domínio das Araucárias e Domínio das Pradarias, a partir do pensamento do geógrafo Aziz Ab'Saber.

Prioriza-se a construção de um baralho que utilize materiais recicláveis/reutilizáveis/ de baixo custo na sua produção para exemplificar uma possibilidade de criar materiais didático-pedagógicos que possam ser reproduzidos em sala de aula com pouco impacto financeiro; propiciando assim uma visão anticonsumista já tão discutida na Geografia Escolar. Adicionalmente, a BNCC possibilita o uso deste jogo, e seus conteúdos, no Ensino Fundamental II (em especial os 6º, 7º e 8º anos, que debruçam-se sobre as características físico-naturais do espaço geográfico dentro da espacialidade latino-americana, entretanto, a nova BNCC desarticula muitas questões da Natureza dentro do ensino de Geografia no novo Ensino Médio; fato este que motivou desenvolver o jogo para turmas do Ensino Fundamental II. Pauperizando as discussões geográficas possíveis, e quase excluindo o aspecto físico-natural do espaço (tais como o clima, vegetação, fauna, flora, relevo, solos, etc.), comprometemos assim, a instrumentalização deste baralho para as habilidades e competências atuais da Geografia escolar.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os Domínios de Natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BREDA, Thiara Vichiato. **Jogos geográficos na sala de aula**. Curitiba: Appris, 2018.

MORAIS, Eliana Marta. B. Desafios e possibilidades em abordar os componentes físico-naturais na geografia escolar. *In*: SOBRINHO, José F.; SOUZA, Carla Juscélia de O.; ROSS, Jurandyr Luciano S. **A Natureza e a Geografia no ensino das temáticas físico-naturais no território brasileiro**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023. p. 181-201. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1p4wITHEHR_q8eGbweXEAbS3b0k9v47Jv/view> . Acesso em: 26/03/2025.

REGO, N.; COSTELLA, R. Z. Educação geográfica e ensino de Geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos. **Revista Signos Geográficos** , v. 1, p. 15-XXXXX, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/59454> . Acesso em: 22 mar. 2025.

SILVA JUNIOR, Ivan de Matos. **A Biogeografia por meio de jogos: Contribuições para a formação docente em Geografia**. *In*: Anais do XX SBGFA - Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2024. p.01-07.